

Ms. S. 12550

Série de Notas sobre a Guerra

N.º 92

---

# A Alemanha e as suas colonias

PUBLICADA PELO

Bureau da Imprensa Britânica em Lisboa



---

LISBOA

TYPOGRAPHIA DO ANNUARIO COMMERCIAL  
Praça dos Restauradores, 24

1918



## A Alemanha e as suas colonias

---

No prosseguimento da guerra deixou de existir o Imperio colonial alemão, porém entre o pessoal do Ministerio alemão ainda ha um Secretario de Estado da Repartição Colonial. Esse Secretario é o dr. Solf; não é ministro sem pasta, porém ministro sem occupação, que desenfastia o tédio da sua ociosidade fazendo discursos a pequenas corporações, formadas de alemães intensamente impressionaveis e patrioticos, taes como a Associação Colonial Alemã que celebrou ultimamente uma reunião pouco animada em Leipzig.

Sob a inspiração do Ministro das ex-Colonias, a discussão dos fitos e das aspirações coloniais da Alemanha na imprensa alemã e germanofila, tem-se dirigido sobre a questão do grande Imperio alemão em Africa e sobre este assunto falou com minucia o dr. Solf. Apresentou o contraste entre o tratamento firme dos indigenas africanos pela Alemanha e o tratamento usual dado ás raças negras pelo Governo da Gran Bretanha, e sustentou a sua opinião que o sistema alemão é inexcusable. Teve porém

de conceder certos pontos e anunciou aos delegados que:

O Governo alemão «concorda com a nação alemã na resolução de obter garantias para o nosso futuro colonial. Julgo comtudo do meu dever prevenir-vos que entre os nossos inimigos existe o desejo resolutivo de aniquilar a Alemanha como potencia colonial. Daqui podemos tirar uma conclusão, que a Alemanha para existir tem de continuar a terrível luta».

Noutros termos, o dr. Solf attribue a responsabilidade pela continuação da guerra áquella secção da comunidade alemã que está a favor dum Imperio colonial em Africa. Isto tem interesse em vista da attitude dos socialistas officiaes alemães, porém para o observador neutral o ponto mais interessante é a habilidade com que o Governo alemão suscita uma discussão geral sobre o assunto da Africa e das ambições alemãs afim de distrair a attenção publica, tanto na Alemanha como no estrangeiro, dos factos que se estão dando ao leste da Europa.

Ha muito que a nação alemã está abcecada com a idéa de estabelecer um rico imperio colonial alemão, não para receber o excesso da sua população mas porque de certos productos puramente tropicaes dependem em absoluto muitas industrias lucrativas alemãs. A idéa alemã duma politica colonial é um projecto francamente predatorio: comprehende o espoliar e escravisar as raças indigenas e explorá-las como mão d'obra afim de enriquecer o capitalista alemão com a riqueza agricola e mineral dos territorios expro-

priados. A cronica sangrenta da administração colonial alemã é a vergonha da nação alemã e é uma questão sobre a qual a nação alemã está dividida. Uma grande secção do Estado opunha-se decididamente ao desenvolvimento do Imperio Colonial de além-mar, porque tais possessões impunham inevitavelmente um programa naval oneroso e fóra de toda a proporção em vista da Alemanha ser um Estado tão atreito a brigas e a desconfianças.

Contudo os individuos que condenavam a politica africana estavam longe de se oporem ao projecto Bagdad-Mesopotamia que estabeleceria um imperio terrestre limitrofe, livre da ameaça de qualquer potencia maritima e que se poderia desenvolver e defender por um sistema adequado de caminhos de ferro.

Esta divergencia nos projectos coloniais alemães deu dois partidos principais: o partido Bagdad e o partido africano ou de além-mar. Neste ultimo grupo vinham inclusos esses visionarios que sonhavam um Brasil germanisado, uma Africa Central alemã que abrangeria as possessões belgas e portuguezas e parte da Africa do Sul britanica, e que até cubiçavam certas colonias no Pacifico, tais como a Nova Guiné e as Indias Holandezas.

Do ponto de vista do Governo alemão merecia toda a protecção qualquer projecto que mantivesse perante o publico a importancia da politica de expansão colonial; deu-se portanto todo o apoio a certas associações ultra-imperialistas como a *Alldeutscher Verband*, a *Deutschbund*.

a *Hammerbund* e a *Deutsche Kolonial-Gesellschaft*.

Ao publico alemão, duvidoso e reluctante, inumeros escritores alemães apresentaram a necessidade duma gigantesca Alemanha colonial; porém a unico razão que podiam aduzir pela qual a Alemanha necessitava dum Imperio na Africa á custa dos indigenas e da civilisação já ali existentes, não passava do raciocinio futil que a Alemanha não tinha «o seu quinhão».

Na politica colonial de todas as potencias, com excepção da Alemanha, constituem a primeira consideração os direitos dos indigenas. Sem querermos discutir a triste historia das colonias africanas alemãs, passaremos a considerar a politica da Alemanha com respeito á Mesopotamia, Syria e os Caucasos, territorio este só reclamado pela Alemanha durante o curso da guerra e inesimo assim unicamente por estar este territorio debaixo do seu dominio em vista da sua aliança com o Imperio Otomano.

Pode-se considerar a Turquia como sendo cumplice no assunto, porém a culpabilidade não pertence exclusivamente á Turquia, recai tambem sobre a Alemanha. Isto assim é por ser inegavel que a Turquia só poz em pratica um projecto de massacre, que era sem duvida simpatico á sua indole, mas que tinha sido discutido e combinado entre Berlim e Constantinopla como sendo um passo essencial á fundação da politica Teuto-Turania do desenvolvimento imperial.

Os armenios, os syrios e os arabes constituam a população indigena da nova área colo-

nial. Conhece-se em parte a historia do extermínio da maioria da raça armenia — uma historia dum horror indescritivel, que se destaca num ano de horrores praticados em terra e no mar. A sorte da Syria pouco melhor tem sido e a nação arabe salvou-se unicamente pela sua revolta contra a suzerania turca e a vigorosa defesa armada da sua nova solidariedade.

A idéa alemã de «absorver» no Imperio alemão uma nação pequena e fraça é exterminá-la. Os Herreros e as diferentes tribus do Kamerum aprenderam á sua custa que para serem cidadãos da Alemanha tinham de sacrificar as suas terras, os seus costumes, a sua religião, as suas familias e as proprias vidas. Os syrios e os armenios caíram debaixo do punho da Alemanha; a sua terra tornou-se parte do ambicionado Imperio alemão ou grupo da Europa Central que deveria estender-se desde o Mar do Norte até ao golfo persico. Basta dizer que num curto espaço de tempo estes povos perderam quasi a existencia. A nação arabe, conduzida pelo Xerife de Mecca e auxiliada pelos Aliados, pode escapar ao laço armado para a sua aniquilação e hoje forma de novo um povo unido.

A civilização em globo está firmemente resolvida que nunca mais será permitida a infamia dum dominio colonial alemão. Uma nação que, pela cubiça do dominio mergulhou leviana e pertinazmente o mundo todo nos horrores duma guerra, uma nação que confessa que a guerra continua para que ela possa ganhar colonias e subjugar e exterminar outras raças, não pode

ficar de posse de territorios que lhe servirão como viveiros de novos projectos predatorios.

Vai-se esfacelando o poder militar da Alemanha e o Imperio alemão tem deante de si a certeza da derrota. Isto o dr. Solf, Ministro das ex-Colonias alemãs sabe bem, ninguem melhor, e contudo no seu discurso patenteia aos fanaticos pan-germanistas a esperança que lhes será de novo perinitido retomar e mesmo estender as suas possessões em Africa. Para qualquer observador que não seja alemão são bem claros os motivos que despertam este acrescimo de interesse por parte dos alemães nas suas colonias perdidas. Fazem parte do projecto do Governo alemão para encobrir os seus importantes desígnios a leste da Europa para aparentar moderação nas condições do seu proximo oferecimento oficial de paz em comparação com as exigencias estapafurdias do publico alemão. As autoridades animam o povo a fazer estas reclamações absurdas afim de nutrir dentro do Imperio e entre as nações neutrais a ilusão que a guerra caminha bem para a Alemanha.

Sem hesitações os Aliados teem rejeitado todas as propostas de paz baseadas na formula insufficiente de *status quo ante*; não se deixarão iludir pela tentativa da Alemanha de afastar a atenção do mundo das suas ambições no Oriente, nem se deixarão demover pelas suas exigencias clamorosas para a restauração, sem falar no incremento, do seu poder colonial, que ella abusou dum modo manifesto.